**REFLETINDO SOBRE DIVERSIDADE:  
EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO E A QUEBRA DE CONCEITOS ENRAIZADOS NA SOCIEDADE NUMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA**

**Ana Carolina de Lira**

Estudante Graduação (Pedagogia/UFAL)

ana.lira2@arapiraca.ufal.br

**Ana Carla Rodrigues de Lira**

Estudante Graduação (Pedagogia/UFAL)

ana.lira1@arapiraca.ufal.br

**Maria Betânia Gomes da Silva Brito**

Professora UFAL

[maria.brito@arapiraca.ufal.br](mailto:maria.brito@arapiraca.ufal.br)

**1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho é o resultado de um esforço para compreender aspectos da diversidade de gênero sexual e racial. Porém, destacamos a diversidade étnico-racial como eixo central da proposta. O trabalho mostra a necessidade de existir uma compreensão sobre essas temáticas no ambiente escolar, provocando um compartilhamento de vivências e das diversas linguagens que adentram o universo de conceitos que muitas vezes soam desconhecidos por uma ampla parcela da sociedade, buscando dessa forma conscientizar a comunidade escolar sobre a existência dessas linguagens no combate à exclusão social.

Perante as temáticas apresentadas e diante da experiência vivida durante a Atividade Curricular de Extensão - ACE 2A e 2B cursada durante o 6º e 7º Período do curso de Pedagogia da UFAL no Campus de Arapiraca/AL, apresenta-se a oportunidade e a necessidade de que se organize processos de intervenção na escola sob a perspectiva de trabalhar com esses temas.

Quando participamos do evento “Socializando práticas pedagógicas decoloniais: diálogos necessários entre escola e universidade na contemporaneidade”, que foi promovido pela ACE, nossos olhos abriram ainda mais, o evento foi realizado no campus da UFAL e contou com a participação de quatro docentes da rede básica, das discentes do Programa Residência Pedagógica e a parceria das discentes da ACE 2B e foi coordenado pela professora Maria Betânia Gomes da Silva Brito. O evento mostrou a necessidade de promover um diálogo entre universidade e escola sobre um currículo afrocentrado que adentre o ambiente escolar, pois de acordo com bell hooks, a sala de aula continua sendo um espaço em que podemos ofertar possibilidades mais radicais.

Mas, o pensamento racista enraizado na dimensão da subjetividade de muitos grupos que vivem dentro das escolas públicas brasileiras é uma perspectiva que impede a potencialidade de trabalhos nessa perspectiva, por isso esses temas precisam ser trabalhados com muita constância, pois o racismo é algo que está costurado na mente das pessoas. Assim, ao refletir acerca da estética negra, concordamos com Munanga (2005, p.8) “[...] o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”, que atravessam suas subjetividades forjando suas concepções de beleza.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido durante as atividades elaborados na execução da ACE, propõe uma abordagem pedagógica fundada na perspectiva antirracista, que vai em busca de uma pedagogia decolonial, que não está focada no modo tradicional do professor que adota uma postura alienante onde o conteúdo trazido e a forma de repassar conduz a uma perspectiva controladora e alheia as realidades vividas pelos estudantes e demais membros da comunidade escolar. Segundo Silva (2022, p.03)

O conceito de pedagogia decolonial tem sido bastante estudado e utilizado nos últimos anos, sobretudo por pesquisadores latino-americanos, em cuja produção essa ideia parece ter se desenvolvido em mais larga escala e profundidade. Surgido a partir da dicotomia conceitual colonialidade/decolonialidade, marco de uma virada epistêmica que surge como resultado do processo de colonização moderno, a pedagogia decolonial diz respeito, como lembram Catherine Walsh, Luiz Oliveira e Vera Candau (2018), a uma intervenção política e pedagógica que resulta de um trabalho de politização da ação pedagógica: [...].

Nessa perspectiva, é necessário que haja uma ruptura com o currículo tradicional e se construa um currículo que busque as necessidades trazidas pelos estudantes, conversando com eles e havendo um enfrentamento dos preconceitos criados ao longo do processo histórico vivido. Um currículo onde a nossa origem enquanto povo que foi colonizado pelos europeus exploradores seja repensado e discutido, com foco em nossa origem numa perspectiva dialógico como defende Paulo Freire, a partir da valorização das culturas historicamente silenciadas.

É preciso compreender que o processo de colonização fez com que não tivéssemos a nossa real identidade colocada no centro do processo formativo, herdamos uma perspectiva pedagógica tradicional fundada sob a lei da catequese e da exclusão, uma abordagem que contribui efetivamente para que nos sentíssemos excluídos de uma realidade que era totalmente nossa, portanto, pode-se concluir o que foi aqui exposto através da reflexão feita por Santos (2022, p.57):

Os europeus, quando se depararam com culturas exógenas em seu processo de expansão, nada mais objetivaram que conquistar os povos encontrados pela via da destruição cultural ou do mero desprezo, aliado à estratificação assentada no rebaixamento social.

Contudo, diante das reflexões sobre a questão antirracista, do currículo afrocentrado, e da perspectiva decolonial, o objetivo desse trabalho é apresentar as atividades pedagógica que elaboramos, na perspectiva de promover uma experiência dialógica capaz de possibilitar a saída desse viés colonizador europeu em busca da nossa própria identidade, como perspectiva que viabiliza um currículo afrocentrado.

**2 OBJETIVOS**

A atividade elaborada pretende:

* Como objetivo principal compreender a importância de uma abordagem pedagógica na perspectiva antirracista, com foco na pedagogia afrocentrada.
* Em seguida traçamos alguns objetivos específicos, como: desenvolver a sensibilidade do público alvo para a importância dos temas trabalhados; provocar o despertar de uma consciência crítica quanto a questão do racismo e fortalecer o desenvolvimento de uma pedagogia antirrracista na escola.

**3 METODOLOGIA**

Do ponto de vista metodológico, esta proposta se baseia em uma investigação de natureza qualitativa “A pesquisa qualitativa não visa à quantificação, mas sim ao direcionamento para o desenvolvimento de estudos que buscam respostas que possibilitam entender, descrever e interpretar fatos. Ela permite ao pesquisador manter contato direto e interativo com o objeto de estudo” (Proetti, 2018, p.2). Nessa direção a pesquisa parte de uma premissa fundamental, a importância de temáticas ligadas a diversidade étnico-racial, são fundamentais para que possamos inserir no currículo da escola uma formação que considere aspectos de uma educação afrocentrada como princípio norteador do planejamento escolar. Conforme afirma Silva (2022, p. 10):

A defesa do princípio da Afrocentricidade nos currículos escolares passa, ao contrário, pelo reconhecimento da diversidade, que deveria ser a base conceitual, mas também empírica, da realidade educacional brasileira, em especial em uma realidade que tem na cultura um de seus conceitos rizomáticos. Sem ser uma panaceia para todos os males da educação – simbólicos e/ou reais, representados e/ou concretizados nos discursos pedagógicos –, o princípio da Afrocentricidade afirma-se como um movimento em direção à transformação do real, sobretudo em épocas de globalização excludente, de espetacularização do cotidiano e de aviltamento da ética.

Diante do desafio que é envolver a escola em uma discussão para além do que está posto formalmente na lei 10.639/2003. O percurso da atividade que elaboramos deu-se de maneira planejada e sistemática articulada com as necessidades apresentadas pela escola.

Em um primeiro momento, desenvolvido durante a ACE 2A foram realizadas as leituras necessárias para compreender aspectos inerentes a uma proposta de trabalho que considere a possibilidade de trabalhar com a escola uma abordagem pautada em uma pedagogia decolonial, para tanto foram selecionados textos de Catherine WALSH (2013) quando discute “Pedagogías decoloniales: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir”, nele a pesquisadora equatoriana reúne estudos de importantes estudiosos que buscam construir caminhos para uma pedagogia intercultural e crítica na América Latina. Nessa perspectiva selecionamos textos que se adequassem à proposta de trabalho que estávamos querendo elaborar, a partir da escola selecionada e do tema que iríamos abordar com o público alvo.

Em um segundo momento fomos conduzidos a apreciar filmes, biografias e literaturas infantis que trouxessem em seu escopo questões inerentes a temáticas de gênero, diversidade e inclusão social. Dentre as atividades realizadas foram desenvolvidas cotações de histórias com temáticas que abordam o antirracismo e a ancestralidade do povo africano, como: “Meu crespo é de rainha” de bell hooks; “Bruna e a galinha da Angola” de Gercilga de Almeida; “A pele que eu tenho” de bell hooks; “Que cor é a minha cor?” de Martha Rodrigues.

Ao desenvolver essas leituras partimos do pressuposto de que os traços físicos, a estética negra, a autoestima sofrem os atravessamentos do racismo. Se perceber bonita e bonito faz parte de um processo de construção social, tanto as meninas como os meninos necessitam do acesso, por exemplo, de literatura infantojuvenil afrocentrada que valorize a beleza negra e ajude na construção positivada da sua autoimagem. Para tanto, as instituições escolares devem trabalhar com a inclusão desses povos nos espaços escolares, bem como sua cultura e o processo de formação da identidade negra a fim de combater o racismo, preconceito e discriminação.

Ao finalizarmos a ACE 2A, fomos orientados a iniciar a elaboração de uma proposta de intervenção para trabalhar com os eixos trazidos ao longo das discussões que eram: gênero, diversidade étnico-racial e inclusão. O projeto deveria conter os seguintes tópicos: título, apresentação, introdução, objetivos, metodologia, materiais pedagógicos, fundamentação teórica, resultados esperados, avaliação e referências. A proposta poderia ser elaborada em dupla ou trio, o nosso foi elaborado em dupla, esse foi o trabalho final do componente curricular.

No retorno do 2º semestre 2023.2, iniciamos a ACE 2B já no finalzinho do ano cívico, mês de novembro, e assim que voltamos com as aulas havia uma impossibilidade de irmos até a escola desenvolver a atividade que tínhamos planejado inicialmente, sendo necessário flexibilizar o nosso planejamento e adequar as demandas e necessidade das duas escolas que foram escolhidas para estar conosco no campus. Nesse sentido, foi realizado um movimento para trazer as crianças e adolescentes de duas escolas públicas com três turmas do fundamental, sendo uma do 2º ano e duas do 8º ano, para compartilhar suas práticas conosco, e também apreciar atividades que prepararíamos para desenvolver durante a atividade que aconteceu no auditório do Campus de Arapiraca – UFAL.

A atividade foi organizada na perspectiva de uma abordagem curricular afrocentrada, com base em uma pedagogia decolonial centrada na construção da identidade cultural de um grupo. Como afirma Munanga, “diversidade cultural é um conceito construído ao longo da história da humanidade, sobretudo, por uma necessidade de construir memórias étnicas, e nos diz que a discussão surge da necessidade de um combate a supressão das identidades éticas dos povos latino americanos, segundo ele: “é através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscritas na história”. (MUNANGA,1986, p. 23)

Assim, a identidade é um processo social que se alimenta de memória, e construir uma memória positiva é o passo inicial para que se estabeleçam as relações identitárias, possibilitando assimilar valores culturais antes negados e desconstruídos e então tomar consciência de si diante do mundo.

As escolas escolhidas foram selecionadas com base nos seguintes critérios: precisam desenvolver um trabalho voltado para formação humana numa perspectiva afrocentrada; os professores das turmas deveriam contribuir com o planejamento das atividades e apresentar resultados que demonstrassem um planejamento anual focado em temas relacionados às práticas antirracistas na escola. O trabalho seria com turmas do ensino fundamental, anos iniciais e anos finais.

Passamos algumas semanas elaborando todas as atividades que iriamos realizar com as turmas convidadas, desde as bonecas, o lanche, os provérbios, e os materiais para entregar as crianças, tudo produzido por nós estagiárias, orientadas pela professora da ACE e com a participação e colaboração das professoras da escola.

O trabalho foi desenvolvido de maneira articulada e integrada, planejamos uma manhã de atividade com o tema: “Socializando práticas pedagógicas decoloniais: diálogos necessários entre escola e universidade na contemporaneidade”, com a seguinte programação: 1) apresentação da turma do 2º ano do fundamental organizada pela professora da escola com temas da África; 2) atividade de interação com as turmas do 8º ano (02 turmas) elaborada pelas alunas matriculadas na ACE 2B, a partir de provérbios africanos selecionado da série documental “Sankofa”, disponível no youtube; 3) roda de conversa com professor convidado para tratar o tema África e suas contribuições nas religiões de matriz africana; 4) atividade de integração com professor convidado para tratar sobre a música africana e suas contribuições na cultura brasileira; 5) Entrega das bonecas AbaYomi confeccionadas por nós e pela professora da turma de 2º ano da escola; e encerramento com lanche coletivo e alimentos que representasse a culinária afro-brasileira.

**4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Consideramos que as ações realizadas no ambiente escolar possibilitam a aquisição de um entendimento pedagógico e desenvolve uma conscientização a respeito do tema que está sendo trabalhado, proporcionando uma experiência que vai além dos muros da escola, pois essa vivência permite uma comunicação importante entre escola e sociedade. Almejamos que este trabalho consiga atender minimamente a essa demanda, e as necessidades da comunidade escolar no agreste alagoano, que os sujeitos consigam realmente conhecer sua identidade, sobretudo pelo fato de ainda existirem remanescentes quilombolas no agreste de Alagoas.

Mediante o exposto, convém destacar que a utilização de livros e/ou materiais didáticos afrocentrados, potencializa a autovalorização da estética negra, sobretudo, da história dos povos africanos e em diáspora. Narrativas cheias de empoderamento negro a partir do enaltecimento das características físicas herdadas de seus ancestrais.

Sobretudo, por meio deste trabalho almejamos que a pedagogia decolonial, centrada num currículo afrocentrado, se materialize em forma de organização sistemática do currículo da escola. Possibilitando uma vivência de experiências que demonstrem a nossa real identidade, deixando de lado a pedagogia colonial onde não é possível acessar saberes ancestrais e fundamentais para a formação do povo brasileiro no contexto do agreste alagoano.

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pluralidade e diversidade que existe em nossa sociedade é algo que nos faz sermos um povo único. Contudo, é preciso reconhecer que em cada lugar podemos nos deparamos com diferentes etnias, culturas, costumes, gêneros e experiências de vida. Valorizar toda essa heterogeneidade é fundamental e importante, uma vez que cada pessoa possui sua forma singular de ser, mesmo que nossa forma de existência só se potencialize de forma coletiva.

Dessa forma, propiciar conhecimento e experiência sobre esse tema com a escola pública não só favorece a receptividade da informação, como também enaltece a diversidade, e enriquece nosso povo conduzindo-o a perspectivas e vivências variadas, pois é preciso que a formação inicial dos/as sujeitos/as que constitui a escola seja provocada, ou seja, é preciso pensar além do que foi “permitido”.

**REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel Gonzáles. **A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar.** In: GOMES, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica 2007.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Desigualdades raciais na educação e a Lei 10639/03.** In: SOUZA, Oliveira (Org). Implementação das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana na educação profissional e tecnológica. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – 1999. 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

PROETTI, sidney. **As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo.** Revista Lumen, São Paulo, SP, Brasil, 2018. p.2. Acesso em: 27 jan. 2024.

SANT´ ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. p.39 a 67. In.: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), 2005.

SANTOS, Ademir Barros dos. **Educação Africana: possibilidades pedagógicas.** Sankofa (São Paulo), v. 15, n. 26, p. 56-73, 2022.

SILVA, Maurício. Dossiê: Relações étnico-raciais: práticas e reflexões pedagógicas em contextos, espaços e tempos**. Educação afrocentrada como pedagogia decolonial no contexto educacional brasileiro.** Revista Práxis, Ponta Grossa, v. 17, e19343, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19343.075>. Acesso em 14 de fev. 2024.